

REESCRITURA DO MITO EM NELSON RODRIGUES

Silvana SANTORO*

Senhora dos Afogados, publicada em 1947, é uma peça de Nelson Rodrigues baseada no mito grego de Electra.

O mito de Electra foi dramatizado por Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Embora tenham trabalhado diferentemente o espetáculo e a concatenação dos atos, esses três poetas trágicos basearam-se nos mesmos dados mitológicos: Agamenão, após ter conseguido a vitória na guerra de Tróia, retorna ao lar como um comandante vitorioso, mas é assassinado por Clitemnestra, sua mulher e o amante desta, Egisto.

Electra, filha de Agamenão e Clitemnestra, inconformada com o assassinio do pai, que ela admirava, começa a planejar o assassinio da mãe, auxiliada pelo irmão Orestes. Este, seguindo a ordem do deus Apolo assassina

* Aluna do Programa de Pós-Graduação.

Climnestra, uma vez que era dever do filho vingar a morte do pai.

Nelson Rodrigues baseia-se no mito de Electra, mas a tragédia rodrigueana é elaborada a partir de fatores psicológicos (componentes freudianos) que a difenciam da tragédia grega.

Em *Senhora dos Afogados* são os fatores psicológicos que determinam as ações de Moema, que tudo fará para tornar-se a única mulher na vida do pai: Moema encarna o "complexo de Electra" estudado por Freud.

Se compararmos Eduarda com Clitemnestra, veremos que aquela nunca havia traído Misael, apesar de não o amar. Moema, portanto, odeia a mãe sem que haja um motivo real para isso, odeia a mãe porque esta é sua rival, é a mulher que a impede de ficar com o homem amado: o pai.

Considerando-se a enorme importância dos aspectos psicológicos em *Senhora dos Afogados* (3), podemos concluir que Nelson Rodrigues desenvolveu o mito de Electra de maneira muito próxima à que fez Eugene O'Neill, em sua obra denominada *Electra Enlutada* (1), uma trilogia escrita em 1931, composta pelas seguintes peças: *Volta ao Lar*, *Os Perseguidos* e *Os Fantasmas*.

No prefácio à obra do dramaturgo americano encontramos a seguinte definição de R. Magalhães Júnior: "*Electra Enlutada* é a transposição da

tragédia grega para o ambiente norte-americano, mas sob o ponto de vista da moderna psicologia, numa fusão de Ésquilo com o Dr. Freud. A guerra de Tróia é substituída pela guerra civil dos Estados Unidos. E o palácio dos Átridas passa a ser a mansão dos Mannon, na Nova Inglaterra" (1).

Comparando *Senhora dos Afogados* com *Electra Enlutada* percebemos vários pontos em comum: na tragédia rodrigueana, Eduarda trai Misael com um homem bonito e sensual que veio do mar (o mar é apresentado como um personagem profético e misterioso). O Noivo, como é denominado o referido personagem, é filho bastardo de Misael com uma prostituta do cais, que o próprio Misael assassinou. Em *Electra Enlutada*, Christine Mannon trai Ezra Mannon com o capitão Adam Brant, comandante do veleiro Ventos Alísios, que também é descrito como sendo um homem bonito e sensual. Adam Brant é filho ilegítimo de David Mannon (tio de Ezra) com uma moça da raça canuque. A mãe de Adam morreu, porque Ezra Mannon recusou-se a ajudá-la quando ela estava doente e já não podia trabalhar.

Tanto o Noivo de *Senhora dos Afogados*, quanto Adam Brant de *Electra Enlutada* são homens belos, sedutores, apaixonados pela mãe morta (complexo de Édipo); ambos referem-se de forma poética às

ilhas paradisíacas, onde pensam que poderão encontrar a felicidade plena e ambos querem tornar-se amantes das esposas daqueles que foram, direta ou indiretamente, responsáveis pelas mortes de suas mães.

Em *Electra Enlutada*, Lavínia, que é filha de Christine e Ezra Mannon, flagra a mãe no momento em que ela dá veneno ao pai, que está tendo um ataque cardíaco. Ezra morre. Lavínia, inconformada, persuade o irmão Orin (que é apaixonado pela mãe) a matar Adam Brant. Orin mata-o movido pelo ciúme que sente da mãe. Christine suicida-se.

Em *Senhora dos Afogados*, Moema, que é filha de Eduarda e Misael, age com a determinação de fazer com que a mãe traia o pai. De que maneira? Deixando-a sozinha na presença do Noivo, despertando o amor de Eduarda ao dizer "meu noivo te olha muito" (3, 2º ato, 2º quadro p. 335) tudo isso para que Eduarda mereça a morte, uma vez que praticando o adultério, estaria quebrando a tradição de fidelidade das mulheres da família que em trezentos anos nunca traíram seus maridos. Consumado o adultério, Moema persuade seu irmão Paulo (que é apaixonado pela mãe) a matar o amante de Eduarda, e Misael a matar a esposa adúltera.

Vários outros pontos em comum poderiam ser estabelecidos entre as obras de O'Neill e Nelson Rodrigues, mas é preciso ressaltar um ponto que as diferencia: o aspecto da moralidade que o dramaturgo brasileiro explora exaustivamente em suas peças.

Nelson Rodrigues transpõe a tragédia grega para o universo brasileiro: Eduarda é odiada pela filha Moema e é suspeita aos olhos da sogra (a avó Marianinha) pelo simples fato de não ser uma Drummond, que sempre foram exemplos de fidelidade.

Clitemnestra e Christine atraem o ódio de Electra e Lavínia, porque traíram e mataram Agamenão e Ezra Mannon respectivamente. Eduarda trai persuadida por Moema que tenta desesperadamente provar ao pai que a mãe é uma mulher indigna de confiança e merece a morte. Eduarda não mata Misael. É morta por ele.

II - ANÁLISE DA FÁBULA E DO ESPETÁCULO:

Em *Senhora dos Afogados* o **cenário** é composto pela superposição de dois ambientes: a casa dos Drummond, que é o espaço moral e o café do cais, que é o espaço imoral. O espaço moral é sugerido a partir da ornamentação das paredes que apresentam espelhos e retratos a óleo dos

antepassados. Esses retratos colocam em cena, simbolicamente, os mortos da família como guardiões da moralidade. Nesse ambiente austero vivem, em permanente conflito, Eduarda e Moema, respectivamente mãe e filha.

Na primeira cena do primeiro ato, o paratexto indica que Eduarda e Moema vestem luto fechado por causa da morte de Clarinha, irmã mais nova de Moema. Ambas estão de pé, rígidas, hieráticas e os movimentos das mãos coindidem, o que as exaspera, mas será constante em todo o espetáculo. A **indumentária, a expressão corporal e facial** de mãe e filha prenunciam o conflito que se desencadeará.

Moema é apaixonada pelo pai (Misael) e odeia a mãe, porque esta representa o principal empecilho para que ela possa tornar-se a única mulher na vida de Misael. Além da mãe, Moema teve que eliminar as duas irmãs mais novas: Dora e Clarinha. Afogou-as no mar, que aparece como personagem invisível, profético e implacável; Moema queria tornar-se a única filha de Misael porque não admitia dividir seu carinho com as duas irmãs. As mortes de Dora e Clarinha não ocorrem no espaço mimético, uma vez que são apenas citadas pelos vizinhos, que se incumbem de fazer com que o espaço diegético interfira, com frequência, no espaço mimético.

Para conseguir a morte de Eduarda, Moema aproxima a mãe de seu próprio noivo, com a intenção de torná-los amantes. O Noivo (sem nome) é um homem forte e sensual, ex-oficial da marinha, que apresenta o corpo todo tatuado (corações flechados com o nome de sua mãe) e vive no meio das mulheres do cais. Essa maquiagem que compõe a figura do Noivo enfatiza seu caráter libertino e libidinoso, o que fará com que Eduarda se sinta atraída por ele.

Moema e o Noivo nada sentem um pelo outro, apenas "usam-se" mutuamente para atingirem seus objetivos: Moema quer fazê-lo amante da mãe e o Noivo quer tornar-se amante de Eduarda para vingar-se de Misael (o assassino de sua mãe); logo, são cúmplices, co-interessados.

Portanto, baseando-nos na análise proposta por E. Souriau (apresentada por Renata Pallottini) (2), a situação dramática-síntese ficaria assim: Moema, movida pela paixão que seria o **atribuidor do bem**, exerce a função dramática de **força temática** (sujeito) que quer o pai, o **bem** desejado (objeto), enquanto que a mãe, as irmãs e o irmão cumprem a função de **opponentes** do sujeito.

O Noivo, o pai e a avó são os **adjuvantes** de Moema porque colaboram para que ela se torne a única mulher na casa do pai: a avó acusando

Eduarda de não ser uma Drummond legítima e conseqüentemente induzindo-a ao adultério, o Noivo seduzindo-a e o pai matando-a.

Moema, depois de ter matado as irmãs e provocado a morte da mãe, convence o irmão a afogar-se no mar. Esquece de alimentar a avó que acaba por morrer. Torna-se uma assassina igualando-se ao pai, que antes de matar Eduarda, já havia matado uma prostituta há dezenove anos.

Misael mata a prostituta, porque esta queria deitar-se na cama da noiva e mata a esposa, porque esta deitou-se na cama da prostituta (Eduarda trai Misael no prostíbulo para onde é conduzida pelo Noivo). Ambas são mortas com golpes de machado. A prostituta fora morta com um único golpe de machado desferido contra o pescoço. O machado cortando o pescoço (região erógena do corpo) significa que Misael conseguiu uma ruptura brusca com a imoralidade que o ameaçava: Misael sentia-se atraído pela prostituta, poderia até amá-la, mas nunca na cama imaculada, onde se deitaria a esposa virgem.

O mesmo acontece com Eduarda, que também é morta com dois golpes de machado. Mas os golpes são desferidos contra suas mãos, porque Moema já havia convencido o pai de que são as mãos que pecam: "(fora de si dizendo para o pai) E

porque não a castigas nas mãos (num crescendo). As mãos são mais culpadas no amor... acari-
ciam..." (3, 2º ato, 2º quadro, p. 332)

O machado, apesar de ser um dos principais **acessórios** em *Senhora dos Afogados*, situa-se no espaço diegético. A prostituta e Eduarda são assassinadas por Misael na praia e suas mortes são apenas narradas no espaço mimético pelo próprio Misael e pelo Noivo.

Moema, porém, não consegue realizar seu principal desejo que seria o de tornar-se esposa de Misael. Após a morte de Eduarda, o caminho parece livre para que Moema possa realizar o seu sonho. A protagonista está feliz, tirou o luto e agora veste-se de branco como se fosse a noiva do pai. A mudança de **indumentária** mostra que Moema vivia de luto, porque Eduarda estava viva e a impedia de ficar com o homem amado. Para ela a vida de Eduarda significava luto e sua morte, felicidade, paz ao lado do pai. Mas Moema engana-se totalmente, porque ao conseguir a morte da mãe, através da amputação das mãos, perde a própria identidade: a imagem de Moema desaparece dos espelhos. Ao tentar encontrar-se no espelho (**principal acessório** do espaço cênico), ela só consegue ver a imagem da mãe, que está de luto e apresenta os pulsos enrolados em gazas ensangüentadas. Moema recua

diante do espelho, Eduarda recua também; Moema aproxima-se e Eduarda faz o mesmo. Então a filha diante da imagem da mãe conclui desesperada: "Agora estás em todos os espelhos... E na água do rio e nas poças d'água... sempre encontrarei a tua imagem e não a minha própria..." (3, 3º ato, 2º quadro, p. 367).

Finalmente Moema consegue expulsar Eduarda do espelho: "Deixei de ser tua filha... A única coisa que nos unia eram nossas mãos... Tu perdeste as tuas... E eu me libertei de ti..." (3, 3º ato, 2º quadro, p. 369).

Moema, com gestos narcisistas, enamora-se das próprias mãos e passa a beijá-las. Eduarda, com uma **expressão facial** que exprime todo o seu desespero, desaparece do espelho. Moema está eufórica, deslumbrada com o próprio triunfo e nem percebe que Misael está morto; então, conversa com o pai, mas quando vai beijá-lo, constata que ele já não vive.

Na situação dramática-síntese o **destinatário**, que seria a própria Moema, não aparece porque o **sujeito** não consegue apossar-se daquilo que mais queria: o pai, que como já foi dito exerce a função dramática de **bem desejado (objeto)**.

Além de perder o pai, Moema perde-se a si mesma. A moldura sem espelho, na última cena,

significa sua perda de identidade após a morte da mãe.

A expressão de espanto e medo de Moema descrita no paratexto final, resume todo o seu conflito interior: ela sabe que nunca poderá se libertar das próprias mãos, que viverá sempre em companhia delas; portanto, a presença de Eduarda será constante em sua vida.

III - CONCLUSÃO

Embora tenha criado um texto dramático baseado no conhecido mito grego de Electra e tenha desenvolvido uma obra passível de ser comparada à obra *Electra Enlutada* de Eugene O'Neill, *Senhora dos Afogados* de Nelson Rodrigues deve ser vista como uma das maiores obras da dramaturgia nacional.

O referido autor não só consegue a partir da dualidade moral x imoral recriar o mito de Electra, como também consegue adaptar o tema que desenvolveu à realidade brasileira. Escrita em 1947, a obra nos revela uma visão fortemente moralista da sociedade brasileira que cobrava (e ainda cobra) a fidelidade das mulheres no casamento, mesmo quando infelizes.

Nelson Rodrigues transpõe as personagens do espaço mais fechado (casa dos Drummond) para

o espaço mais aberto (cais). A casa dos Drummond simboliza o espaço da sensualidade reprimida. Eduarda é conduzida desse espaço para o prostíbulo situado no cais, que simboliza o espaço da sensualidade desabrida. Torna-se uma mulher adúltera, não só porque deseja o prazer, mas também porque ambiciona igualar-se às prostitutas e, depois de morta, ir para a ilha.

A ilha, que só existe na imaginação do Noivo e é por ele descrita, simboliza o espaço ultra-liberal, onde as mulheres poderiam ser felizes sem que houvesse censura. No espaço utópico onde vivem as prostitutas mortas, o olhar moralista da sociedade não existe.

Portanto, Nelson Rodrigues cria uma nova teatralidade envolvendo as personagens em uma atmosfera ambígua, que não nos permite afirmar se nosso maior dramaturgo é um homem extraordinariamente moralista, ou descaradamente imoral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. O'NEILL, E. G. *Electra Enlutada*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1970 (Coleção Brasileira).
2. PALLOTTINI, R. *Dramaturgia*. Construção do Personagem. São Paulo: Ática, 1989 (série Fundamentos - 46).
3. RODRIGUES, N. *Teatro Quase Completo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965. v.2

BIBLIOGRAFIA

- GIRARD, G., OUELLET, R. *O Universo do Teatro*. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- ISSACHAROFF, M. *Le spectade du discours*. Paris: Corti, 1985.
- KOWZAN, T. O Signo no Teatro. In: __. *O Signo Teatral*. A semiologia aplicada à arte dramática. Porto Alegre: Globo, 1977.
- THOMASSEAU, J. - M. Pour une analyse du paratexte théâtral. *Littérature*, nº 53, 1984.